

A MAQUINA DO MUNDO

(Especial para o "Correio do Povo")

GUSTAVO CORÇÃO

A máquina do mundo está apresentando assustadores sinais de desgaste nos cilindros ou desengonço nos eixos. Corra o leitor os olhos pelo jornal e depois pelo mapa. Por toda a parte há tumulto e descontentamento. Na Índia e no Libano há guerra, guerra que o quadrado da distância esconde ou atenua; mas não deixa de ser a mesma guerra de sempre e com o mesmo aparato de horrores. Em Cuba, que anda ausente do cartaz, continua a luta implacável contra o ditador. Na Bóvia surge um levante em Santa Cruz de la Sierra. Em Portugal os tanques estão nas ruas para moderar, como convém ao paraíso salazarista, o entusiasmo da oposição. No Perú e no Equador, os descontentes, na falta de melhor ocupação, desfeitearam o vice-presidente americano. E agora, para completar o quadro de disparates e para aumentar a gravidade da soma de fatos dispersos, convergem para a França todas as preocupações.

Dirá o leitor que o mundo sempre foi assim. Realmente, rememorando o que se sabe ou lendo o que se ignorava, vê-se que em todas as épocas houve sempre as mesmas erupções cutâneas na pele viva do planeta, houve sempre o tumulto, a confusão que parece ser a própria substância da história. Mas o que agora se observa em toda a parte tem um caráter específico que não se observou em época anterior. As lutas não nascem do embate de facções que desejam a conquista de terras e de bens. Não são movimentos de translação, deslocamentos de massas com objetivos de rapinagem, substituições de quadros com intuitos de poder. Tudo isto ainda existe, ainda subsiste, mas por baixo desse aspecto superficial o que se pressente é uma onde geral de descontentamento, ou melhor, de ressentimento contra os eixos que orientavam toda uma civilização. O mundo está descontente de si mesmo, e quer achar novas vias. Por isso são confusas e ambíguas as atitudes que toma, e nem sempre conseguimos, por mais nitida que seja a nossa filosofia, colocar nossos desejos com firmeza. Vejamos por exemplo o caso da França. Em todas as grandes crises francesas dos últimos tempos estivemos sempre, sem vacilações, entre os que desejavam a sobrevivência e a vitória da grande nação que para nós — ao menos para nós outros da superada geração — era uma espécie de pátria espiritual. Sofremos a derrota de setenta e aprendemos a recitar, com emoção vertida em vernáculo, a história do estudante alsaciano. Em 1914 sentimos como nossa a terra pisada pelos soldados do Kaiser, e tomamos para nós boa parte das alegrias da vitória. Em 1940 choramos a queda de Paris e passamos a detestar a política de capitulação e o governo de Vichy com fervor igual ao de George Bernanos. Naquele tempo, nossas esfarrapadas esperanças procuraram costura nas notícias de um movimento que parecia pueril aos sensatos do tempo, que parecia utópico e ridículo: o movimento dos Franceses Livres comandados pelo General De Gaulle.

Esse homem duro e difícil, que com lucidez admirável anunciara inutilmente ao Estado Maior francês a inocuidade dos aparatos da guerra de trincheiras, e que preconizava o uso das divisões motorizadas na próxima guerra, esse homem sóbrio e inquebrável apareceu, nos dias da capitulação francesa, como um rebelde, quase como um fantasma da antiga França, a insistir na continuação da resistência e da guerra em nome da honra, do bom senso e do interesse superior da pátria. Dizia honra, porque a França se comprometera a não depor armas senão de acordo com os aliados; dizia bom senso por lhe parecer absurda a idéia de considerar perdida a luta pela perda de uma batalha, quando tantos recursos e forças sobravam, intactas, nas próprias colônias francesas: dizia interesse superior da pátria, e não sei se acrescentava do mundo, por lhe parecer indispensável que a França tivesse um lugar no dia da vitória. De Gaulle, como era de esperar, teve de lutar terrivelmente, não contra os alemães. Na Inglaterra que o acolhia, e sobretudo na própria França que ele queria salvar, foi dito por muitos que De Gaulle não tinha títulos para tomar o comando das forças francesas. O personagem era incomodo, para os mesmos de quem dependia, e parecia falar, aos franceses que preferiam Weygand ou Laval, um idioma esquecido.

Lembra-me bem o filme em que vi, quinze anos atrás, a entrada em Paris das forças comandadas por De Gaulle. Numa praça, de repente, ouvem-se disparos de metralhadora instaladas pelo inimigo, não totalmente evacuado, nas janelas dos edifícios. O povo se dispersa. No momento exato em que o general entra na praça, os tiros se tornam mais frequentes e a correria mais desatinada. Escondem-se uns nos vãos de porta, deitam-se outros no chão, mas o chefe da França Livre, o homem duro e difícil que tinha falado em honra, continua a andar e a distribuir continências secas, como se nada daquele tumulto lhe dissesse respeito. Parou depois, no meio de um torvelinho, acendeu o cigarro e ficou imóvel, de pé, representando bem aquele improvável que era um resumo de toda a resistência francesa. Lembra-me bem a figura de perfil e, contra o fundo da praça da Concórdia, seu enorme nariz de Cyrano.

Naquele tempo, como disse, era

facil desejar. Com toda a sua selvagem violência, a guerra tinha ao menos uma nitidez, uma linha de separação que falta nos tumultos de hoje. A França de hoje atravessa um período de sua história que é mais dramático do que o da ocupação alemã. Numa espécie de crise de menopausa da República, a França de hoje, a França que banuiu Maritain de seu magistério, que elevou Sagan, que pratica leviandades impróprias para sua idade madura, que se dirige por normas de um estatuto obsoleto pensando que inaugura um mundo novo, que não desconfia, pela cabeça de seus dirigentes, que já transcorreu o século da divisão do mundo em europeus não europeus, a França de hoje nos deixa perplexos e desorientados. Num discurso ao mesmo tempo nitido e obscuro, De Gaulle pede aos franceses que lhe confiem o poder. Não pretende ser um ditador, mas reclama um regime excepcional e especial. Os comunistas o apontam como um líder fascista e promovem greves que pesem na opinião pública. Eu não creio na configuração fascista da mentalidade do general De Gaulle mas não posso deixar de reconhecer que, para a peculiar estreiteza da visão comunista, as aparências justificam a sumária classificação.

Entre os muitos malefícios causados no mundo, pelo fascismo e pelo nazismo está o da desmoralização da idéia de chefe e de personalidade de exceção que são chamadas a desempenhar papéis singulares nas situações difíceis. Os socialistas, que de um ou de outro modo sempre acreditam no determinismo histórico, cunharão a expressão derrisória "líderes carismáticos", e d'al muito democrata passou a pensar que tinha obrigação de não crer em homens excepcionais. Mas apesar do descrédito deixado pelos detestáveis modelos fascistas e reforçado pela pregação socialista, nós continuamos a crer nos fenômenos de catálise espiritual produzidos nos momentos críticos por homens de exceção. Jacques Maritain, que só uma pessoa prodigiosamente mal informada pode suspeitar de fascismo, assinala no seu grande livro, *O Homem e o Estado*, o papel que cabe às *minorias de choque profético*, e dentro delas aos servidores inspirados ou *profetas do povo*. Será esse papel

que agora se oferece ao general De Gaulle? Será ele capaz, na nova e complexa conjuntura, de bem aplicar os mesmos princípios da honra, do bom senso e do superior interesse da pátria e do mundo? Confesso que não encontro em mim, apesar das boas lembranças de doze anos atrás, dose apreciável de confiança nessa intervenção que precisa de uma "formula" especial para se concretizar, e que além disso traz a triste marca sul-americana de intromissão militar em detrimento dos quadros normais dos partidos políticos. O fato é que as notícias de França só me trazem apreensões e perplexidades.

Em compensação, as arruaças de Portugal nos proporcionam uma relativa alegria. Digo relativa porque afinal de contas o pau que anda correndo nas ruas de Lisboa ainda é nas costas dos democratas que dói. Também não acalento muitas esperanças sobre o resultado do sinistro pleito com que se preparam os salazares e craveiros para imitar o sufrágio popular. Seja como for e raciocinando um pouco à moda da casa, alegro-me com alguma coisa: houve arruaça e houve pau, e isto quer dizer que a voz da oposição já conseguiu atravessar os painos da mordaca.

Não. Nem tudo vai mal no mundo. Nem pode ir, porque o mundo, ainda que o diga o poeta com mais engenho do que nós, não é máquina. Será melhor compará-lo a um bizarro organismo do que a um desconjuntado mecanismo. E é nesta simples consideração que achamos terra boa para plantar uma semente de esperança. O mundo do homem não é máquina, não segue tacitamente as leis das alavancas e das bielas, não obedece às órbitas da matéria, embora sofra nos pés que tem a aspereza das pedras e a moleza dos atoleiros. Por isso, os sinais de desgaste e desengonço, que são muitos e não deixam de ser assustadores, não bastam para cortar todas as vasas da fé humana. Pode ser que atrás desses sintomas estejam escondidos os sinais de uma recuperação. Tal possibilidade existe sempre aonde passam os ventos das aspirações humanas — aspirações de franceses, de argelinos ou de indonésios — e aonde fluem, através do grosso e confuso tecido da história, os rios de fogo que nascem nos corações.